

## EDITORIAL

**Reaparece Estudos Moçambicanos. A reorganização do Centro de Estudos Africanos, a dificuldade prática de os cientistas fazerem a edição, isto é, acompanhar o metuculoso trabalho que separa a escrita do texto que conclui a investigação, da sua difusão sob forma impressa, as inúmeras vicissitudes das casas tipográficas, combinam-se como factores negativos a obstaculizar o aparecimento regular da nossa revista.**

**Parece que superámos os variegados nós de estrangulamento e a suceder-se a este número, que inicia e encerra o ano de 89, três outros estão já planificados para 1990. Queremos crer que cumprimos.**

**Pensamos útil e eficiente na fase actual integrar nos Estudos as diferentes publicações que estamos fazendo de modo algo difuso, minimizando assim custos e maximizando os meios.**

**As instituições científicas de países como o nosso vivem dilaceradas entre a capacidade e vontade dos investigadores e os escassos meios financeiros e materiais ao seu alcance. A miséria quase impossibilita a definição de prioridades reais e assim, muitas vezes, a ciência e cultura embora indispensáveis, são relegadas a segundo e terceiro planos em nome da sobrevivência imediata. Estudos Moçambicanos para aparecer regularmente, em português e inglês, com um mínimo de qualidade e apresentação, necessita de meios financeiros, nem sempre ao alcance do orçamento do CEA. Duas opções se apresentam: elevar significativamente os preços da venda, para responder aos custos, tem alguma lógica, ou encontrar outros suportes financeiros. Quando em 1989 o preço médio do dólar avizinhou os 750,00 MT, no mercado oficial, é óbvio que nunca poderíamos vender a revista abaixo dos 2000,00 MT, o que a tornariam um artigo de luxo em termos de consumidor nacional. A segunda variante, implicará aceitarmos um suporte de publicidade que contribuirá ao financiamento da nossa publicação. Ainda não tomámos uma decisão, mas temos que a tomar.**

**Ressurge Estudos Moçambicanos, num momento de grandes transformações na arena das relações regionais do nosso sub-continente e no palco internacional.**

**Cientistas sociais, fazendo do contemporâneo objecto do nosso estudo, não somos indiferentes aos eventos, sobretudo porque, como homens, por eles somos bem ou mal atingidos e particularmente, quando o fim da nossa actividade se destina a levar as sociedades, de que somos membros activos, a terem maior capacidade na moldagem do seu futuro.**

**A tendência actual emergente do fim da bipolaridade e da desagregação da unidade política, económica e estratégica do leste europeu, parece levar a uma deslocação das relações em detrimento dos interesses do chamado terceiro mundo. Países da periferia dos centros mundiais de decisão, poderem-se tornar mais periféricos. Libertas da contenção que implicaria a possibilidade de reacção do adversário global, as máquinas hegemónicas sentem-se mais livres de impor os seus interesses.**

**A comunidade intelectual sentiu-se aviltada, quando uma interpretação fanática da justiça divina impôs um preço pela cabeça de um homem culpado de escrever. Hoje, para a nossa surpresa, o chefe de uma grande potência que preconiza a tolerância e o respeito das normas civilizadas do direito internacional, também oferece um prémio idêntico pela cabeça de outro homem, que dirige outro estado soberano.**

**Não estão em causa os méritos de um livro, de que pensamos deverem ser os leitores os únicos juízes. Não está em discussão o envolvimento de um dirigente estatal no condenável narcotráfico.**

**Como homens de ciência e por isso humanos, perturba-nos o mercantilismo que determinam a oferecerem-se preços pela cabeça de seres humanos. Há algo de arrogante e podre no desafio que se faz à ética, quando um dirigente estatal se arroga o direito divino de eliminar uma vida, a troco de um punhado de dinheiros. A pobreza sente-se insultada, quando os grandes procuram suscitar entre os míseros o surgimento de novos judas, armados do punhal dos sicários.**

S. V.